

P. C. CAST

ILUMINADA

Tradução
Susana Serrão

1001
MUNDOS

CAPÍTULO UM

Credo, ela adorava aeroportos. Faziam-lhe sempre lembrar o amor e a excitação e a promessa de começar de novo. Pamela pensou, e não era a primeira vez, que teria sido a sua mania romântica dos aeroportos a alimentar a relação com Duane. Bastava vê-lo com a farda de piloto da United Airlines para lhe fugir do corpo toda a racionalidade num suspiro de prazer juvenil ridículo.

Que parva que ela foi!

Essa relação, que fora um fiasco, acabara. Finalmente. Pamela fechou os olhos e passou os dedos pelo cabelo recentemente cortado curto. Desejou ter deparado com Duane algures no aeroporto de Colorado Springs antes de embarcar no jato da Southwest Airlines. Teria adorado ver a expressão horrorizada dele ao constatar que ela cortara o cabelo preto e grosso que lhe dava pela cintura. O cabelo que ele gostava de afagar e acariciar e... Pamela estremeceu desagradada com essa recordação. Só de pensar nisso sentia-se sufocada. Livrar-se do cabelo comprido tinha sido a derradeira etapa empreendida por ela para se soltar das grilhetas do amor sufocante de Duane. Tinham passado seis meses de felicidade desde a última vez que falara com ele. Ao fim de meses e meses em que ela recusara prendas, devolvera flores e lhe recordara que o casamento os fizera infelizes aos dois, o final da relação foi finalmente declarado, para grande desgosto da família dela, a qual achava Duane perfeito para ela e que Pamela era tola por tê-lo deixado. Ainda ouvia o irmão, a cunhada e os pais dizerem: «Ele não é assim tão mau. Dá-te tudo o que queres. Ganha muito bem. Adora-te.»

Ele não se limitava a adorá-la. Queria consumi-la. Duane Edwards parecera, à superfície, um homem carismático, bem-sucedido, bonito, ligeiramente machista. Abaixo da superfície, porém, onde vivia o verdadeiro Duane, havia um rapaz carente, controlador, passivo-agressivo.

Pamela rodou os ombros para soltar a tensão que se instalara só de pensar em Duane. Por outro lado, estava contente por não ter deparado com ele no aeroporto. Ela não cortara o cabelo para «lhe mostrar»! Cortara porque era o que queria fazer. Combinava com a mulher em que ela se estava a tornar. Pamela encostou a cabeça ao espaldar do assento. Os lábios curvaram-se.

Gostava da mulher em que se estava a tornar. *Satisfeita*, pensou Pamela. Não andava tão satisfeita consigo própria há anos. Nem sequer se ralava por se encontrar entalada no lugar da janela ao lado de uma mulher cujo cotovelo ossudo estava sempre a bater-lhe ao tentar fazer as palavras-cruzadas do *New York Times*, que tresandavam a tabaco.

Mas porque é que alguém fazia palavras-cruzadas obsessivamente? A mulher não tinha mais em que pensar? A Senhora Cotovelos Ossudos ria-se e preenchia mais umas quadrículas. Pamela calculou que não, não tinha mais em que pensar.

Não! Nada de pensamentos negativos. As profecias que se realizam a si próprias têm poder. Os pensamentos negativos trazem energia negativa. Agora até pareço a mãe, valha-me Deus. Pamela suspirou e encostou a testa à janela do avião.

Pronto, iria começar de novo mentalmente. Não deixaria que a mulher sentada a seu lado a incomodasse, porque seria uma perda de tempo, assim como entregar-se a ideias negativas. Caraças, quem era ela para julgar? Olhou para o livro que tinha ao colo. Em que andava ela a pensar? Em vez de ler *The Stone Prince*, de Gena Showalter, andava a perder tempo a pensar no horroroso do *ex*. Pamela era uma pessoa melhor – trabalhara muito para o ser.

De propósito, Pamela olhou para a paisagem através da janela. O deserto era um misto bizarro de severidade e beleza, e Pamela ficou

admirada ao ver que lhe agradava – pelo menos dali, a alguns milhares de metros no ar. Também era diferente dos campos verdejantes da sua terra, no Colorado, mas estranhamente cativante. O avião virou e mergulhou a asa, e Pamela ficou sem fôlego ao vislumbrar Las Vegas. Ali no meio do deserto e da areia, da terra vermelha e dos desfiladeiros, estava uma cidade de vidro e luz e autoestradas sinuosas, que até do ar se viam estar cheias de engarrafamentos.

– É como um sonho – murmurou ela.

– Mai' nada! É um portento, não é? – comentou a dos Cotovelos Ossudos numa voz rouca de quem fumava muitos *Virginia Slims* de mentol extralongos.

Pamela reprimiu a irritação.

– É invulgar. Claro que eu sabia que Las Vegas foi erigida no meio do deserto, mas...

– É a sua primeira vez na Cidade do Pecado? – interrompeu a mulher.

– É.

– Oh, garota! Vais divertir-te à grande. – A mulher chegou-se a Pamela e falou mais baixo. – Não te esqueças, o que acontece em Vegas fica em Vegas.

– Ah, pois. Não venho por lazer, venho a negócios.

– Uma coisinha nova e bonita como tu pode muito bem arranjar tempo para os dois. – A mulher mexeu sugestivamente as sobrancelhas desenhadas a lápis.

Pamela sentiu o queixo retesar-se. Detestava quando as pessoas eram condescendentes só por ela ser bonita. Trabalhava muito para ser bem-sucedida. E ter trinta anos não era ser nova!

– Talvez fosse possível, se não tivesse o meu negócio, e não me ralasse que os clientes recomendassem o meu trabalho ou não. Estou cá por motivos profissionais, não é para brincadeiras.

O olhar admirado da vizinha abarcou os brincos de diamantes de Pamela – um quilate cada – e o fato de bom corte cor de casca de ovo da *Fendi*, um tom clássico onde combinava muito bem uma *écharpe* de seda cor de melão e tangerina.

Pamela viu muito bem em que estaria a mulher a pensar, e ape-teceu-lhe gritar: «Não, não foi um homem que me ofereceu este fato!»

– E o que é que faz, querida?

– Sou proprietária da Ruby Slipper, decoração de interiores.

A cara enrugada da mulher suavizou-se num sorriso; espantada, Pamela apercebeu-se de que a mulher outrora teria sido muito bonita.

– Ruby Slipper... Agrada-me. Parece agradável. E aposto que deve ser boa no que faz. Só de olhar para si vejo que tem classe. Mas não é classe de Vegas. O que vem cá fazer?

– O meu cliente mais recente é escritor e está a construir uma casa de férias em Las Vegas. Contratou-me para a decorar.

– Escritor... – A mulher fez um gesto com as unhas vermelhas e compridas para Pamela. – Coisa em grande. Quem é? Se calhar já ouvi falar.

– E. D. Faust. Escreve livros do género fantástico. – Pamela só sabia porque procurara rapidamente na Amazon enquanto estava ao telefone com o homem. Dissera ser «E.D. Faust, autor de *bestsellers*». Ela não fazia ideia de quem fosse, mas, quando escrevera o nome no motor de busca da Amazon, o ecrã encherá-se de páginas de títulos como, por exemplo, *Pilares da Espada*, *Templo dos Guerreiros*, *Ventos Nus*, *Fé dos Danados...* e assim sucessivamente. Nesse momento, Pamela dera toda a atenção ao homem, embora não ligasse muito a escritores de ficção científica e fantástico. Lia um pouco de tudo, tentara alguns gigantes do género, mas ficara com a impressão de que todos se pareciam uns com os outros. Espadas, magia, naves espaciais, sangue, testosterona... blá, blá, blá... seca! Mas ela não era parva. Longe disso, uma das principais regras era nunca dizer nada negativo sobre um cliente. Assim, Pamela arvorou um sorriso radioso e assentiu em resposta ao ar inexpressivo da vizinha, como se achasse que E. D. Faust era a Nora Roberts.

– O livro mais recente é *Pilares da Espada*, mas ele já escreveu mais de cinquenta, e a maioria consta das principais listas de *best-sellers*.

– Nunca ouvi falar, mas também prefiro, acima de tudo, umas boas palavras-cruzadas. – A mulher tornou a cacarejar. – Bom, tirando um homem alto e magro com chapéu de vaqueiro e cerveja na mão.

Deu uma cotovelada a Pamela e riu-se, de propósito desta vez. Pamela deu por si a sorrir também, e ficou admirada. Havia algo de sincero e real na mulher que tornava apelativas a cara vincada e as maneiras desbragadas.

– Pamela Gray – disse ela, e estendeu a mão.

– Billie Mae Johnson. – A mulher retribuiu o aperto de mão com firmeza e um sorriso simpático. – Prazer em conhecê-la. Se precisar de uma cara amiga ou uma cerveja fresca, apareça no Flamingo. Costumo trabalhar no bar do piso principal.

– Posso muito bem vir a aceitar.

A assistente de bordo anunciou que iam começar a aterragem, e Pamela endireitou o banco. Billie Mae abanou a cabeça e resmungou a olhar para as quadrículas, a maioria ainda por preencher.

– Há que admitir que o empertigado do *New York Times* foi para o galheiro quando começou a deixar advogados de divórcios do Texas criarem as palavras-cruzadas. – A mulher suspirou e concentrou-se numa das perguntas antes de olhar de soslaio para Pamela. – Oiça, a pista presunçosa é «emancipação metafórica». A resposta tem seis letras. Só me ocorre *Budweiser*, mas tem nove.

– Foi um advogado ou uma advogada a conceber as palavras-cruzadas?

– Advogado.

– Experimente «pensão» – disse Pamela com um sorriso malicioso, e acrescentou: – De alimentos, bem entendido.

Billie Mae preencheu as quadrículas com um grunhido satisfeito e depois piscou o olho a Pamela quando o avião aterrou.

– Acabou de ganhar uma bejeca de borla. Espero que seja tão-bona na decoração como é nas palavras-cruzadas.

* * *

Pamela aproximou-se do homem fardado que segurava uma tabuleta onde se lia «Pamela Gray, Ruby Slipper» em letras douradas. Antes de poder falar, o homem fez uma veniazinha eficiente e perguntou num sotaque muito britânico:

– Menina Gray?

– Sim, sou Pamela Gray.

– Muito bem, minha senhora. Permita-me levar-lhe a bagagem.

Queira fazer o favor de me acompanhar.

Pamela assim fez, e teve de se despachar para acompanhar a passada rápida do homem que atravessava o aeroporto cheio com toda a determinação e saía para uma limusina. Pamela ficou boquiaberta quando ele lhe abriu a porta de um *Rolls-Royce* clássico lindíssimo, mas entrou logo graciosamente para o interior com assentos de pele cor de pomba e agradeceu ao motorista antes de ele fechar a porta.

– Gosto em conhecê-la, menina Gray! – exclamou uma voz grave à sua frente.

Pamela até deu um saltinho. Das sombras, um homem debruçava-se, estendia uma mão grande e carnuda. Ela agarrou-a ato contínuo e os candeiros de cristal pendurados nas duas extremidades da limusina acenderam-se.

– Eu sou, claro, E. D. Faust, mas trate-me por Eddie.

Pamela recobrou a compostura, sorriu simpaticamente e retribuiu o aperto de mão firme. A primeira impressão que teve de E. D. Faust foi a de um homem imenso. Assim que ele a contratara, ela dirigira-se logo a uma livraria e comprara vários romances dele, e conhecia a fotografia da praxe. Porém, essa nem sequer começava a captar o tamanho do homem. Enchia o espaço diante dela, fazia-a pensar em Orson Welles ou num Marlon Brando de meia-idade. E era moreno. O cabelo, formando um bico abrupto à frente, era grosso e preto e estava apanhado num rabo-de-cavalo na nuca. A camisa de seda de mangas compridas era preta, as calças largas enormes eram pretas, e as botas luzidias também. Embora estofadas em camadas de gordura, as feições fortes ainda eram evidentes, e Pamela não saberia dizer a idade – algures entre os trinta e os cinquenta, mas

não havia mais pistas. Ele percebia que estava a ser observado, e os seus olhos castanhos brilhavam com o que poderia ser malícia, como se estivesse habituado a ser o centro das atenções e gostasse.

– É bom conhecê-lo finalmente, Eddie. Trate-me por Pamela.

– Seja. Pamela, então. – Abruptamente, ele bateu com a cabeça de dragão que era o cabo da sua bengala preta no painel de vidro aberto que dividia a zona dos passageiros do motorista da limusina.

– Pode arrancar, Robert.

– Muito bem, senhor.

A limusina cheia de estilo afastou-se da berma.

– Espero que a viagem não a tenha deixado esgotada, Pamela – disse ele.

– Não, foi um voo curto desde Colorado Springs.

– Então não tem objeções a começar a trabalhar de imediato?

– Não, já tencionava começar logo. Quer dizer que o Eddie já tomou uma decisão quanto ao estilo que pretende para a casa? – perguntou Pamela, ansiosa. Se aquele carro magnífico servisse de exemplo do bom gosto e da bolsa de Eddie... A cabeça dela até fervilhava de possibilidades. Uma exposição! Ela criaria um paraíso de férias esplêndido para o Rei da Literatura Fantástica.

– Decidi com certeza. Sei exatamente o que pretendo. Encontrei aqui, nesta cidade mágica. À Pamela basta reproduzir. – Eddie tornou a bater na janela. – Robert, leve-nos ao Caesar's Palace.

CAPÍTULO DOIS

— **C**aesar's Palace? Não é um casino?
As rugas na cara de Eddie acentuaram-se quando ele sorriu.

— É exatamente por isso que a Pamela é perfeita para este trabalho. Nunca estive em Vegas, pelo que verá tudo com olhos novos, olhos que conseguem apreciar e capturar verdadeiramente a ambiência única que eu desejo recriar na minha casa. E tem razão. Caesar's Palace é um casino e também hotel. Aliás, tirando a réplica de alguns elementos da piscina do hotel, não é ao Palace que eu quero que a Pamela dê atenção, mas sim ao incrível centro comercial a ele ligado. O Fórum encerra a magia que eu quero ver reproduzida.

— Um centro comercial?

Teria ouvido bem? Como é que ele podia querer que uma casa de férias, ou uma casa qualquer, já agora, ficasse parecida com um centro comercial?

— Vai ver, minha querida. Vai ver. — Eddie esticou um dedo grosso para um balde cheio de gelo e várias garrafas.

— Quer refrescar-se com champanhe ou *Pellegrino*?

— *Pellegrino*, se faz favor. — Pamela desconfiava que precisaria de ter a cabeça fresca para o que se avizinhava.

Uma casa de férias tipo centro comercial. Ora ali estava uma encomenda bizarra. Não que as encomendas bizarras dissuadissem Pamela. Desde que fundara a Ruby Slipper, três anos antes, uma das coisas que mais adorava no seu negócio de *design* próprio era a liberdade de cultivar clientes únicos e de os ajudar a transfor-

marem visões individuais em casas confortáveis e de bom gosto. Enquanto Eddie deitava *Pellegrino* num copo de cristal, ela lembrou-se da primeira cliente da Ruby Slipper, Samantha Smith-Siddons. A senhorita Smith-Siddons, antes Sr.^a Smith-Siddons, quisera redecorar completamente a casa de setecentos e cinquenta metros quadrados da qual despejara o Sr. Smith-Siddons depois de o apanhar na cama com a sua assistente administrativa de vinte e um anos de idade. Infelizmente para o Sr. Smith-Siddons, ele também trajava *lingerie* feminina, sapatos vermelhos de salto-agulha e uma peruca loura – facto que os seus muitos clientes (o Sr. Smith-Siddons era dono da maior cadeia de agências funerárias do Colorado) teriam achado profundamente perturbador se tivesse vindo a público num divórcio litigioso. A propensão idiossincrática do Sr. Smith-Siddons por *lingerie* feminina não chegara ao domínio público, e a Sr.^a Smith-Siddons ficara com um valor considerável pelo seu silêncio diplomático. Quando contratara a Ruby Slipper, explicara a Pamela que podia tolerar qualquer cor exceto tons de branco, porque queria começar de novo e usar a pureza da cor para banir a mácula que tinha sido o casamento. Indómita perante essa restrição bizarra, Pamela privilegiara texturas, e não cores. Usara soalhos envelhecidos de madeira caída e metais ao estilo «pobre chique», bem como os mais ínfimos tons de vermelho e pérola e estanho em matizes de neve e champanhe e luar. O resultado fora espetacular, a ponto de a Ruby Slipper ser louvada num artigo de página inteira pela primeira vez na *Architectural Digest*.

Se Pamela conseguira fazer da casa estéril e quase incolor da Sr.^a Smith-Siddons uma obra de arte, certamente que poderia fazer o mesmo da fixação que Eddie tinha por centros comerciais.

– Devo reiterar, Pamela, que fiquei muito impressionado com o trabalho que fez no *boudoir* da Judith. – Eddie galhofou, e todo ele abanou numa massa gelatinosa. – *O Nascimento de Vénus*, deveras. Nunca teria acreditado que as ideias de decoração assaz estranhas da Judith poderiam ficar tão bonitas. O Charles diz que nem sequer se importa de dormir numa cama que parece uma concha gigante

rodeada de tons pastel e femininos. De cada vez que a Judith sai daquela banheira espetacular, ele não pode deixar de pensar que ela é uma deusa.

– Foi um desafio, mas conjugou-se muito bem. – Pamela bebeu mais água com gás, a pensar que o desafio fora moderar um estilo que Judith achava ser Hollywood clássica e glamorosa, quando mais parecia um bordel foleiro. Judith queria cores berrantes; Pamela conseguira tornar tudo opulento mas de bom gosto. Charles e Judith Lollman ficaram tão contentes com o trabalho dela que deram uma festa enorme só para mostrar a sua nova *suite*. Charles Lollman era não só produtor de algumas das séries de maior êxito em horário nobre, como também fanático por ficção científica e fantasia. Um dos convidados que ele mandara vir de avião para essa *soirée* fora E. D. Faust, autor de *bestsellers* de literatura fantástica. O telefonema de Eddie fora o primeiro de vários contactos ganhos com esse trabalho muitíssimo bem-sucedido.

– Um desafio... – Eddie saboreou a palavra como se fosse um doce. – Gosta de desafios, Pamela?

Pamela endireitou os ombros e devolveu-lhe um olhar firme. A sorrir amavelmente, respondeu:

– Creio que os desafios dão mais interesse à vida.

– Ah, resposta correta. – O sorriso dele fê-la lembrar-se, de súbito, da personagem Grinch do Dr. Seuss.

– Com licença, senhor. – A voz polida de Robert chegou até eles. – Prefere a fachada do Palace ou a entrada *vip* no Fórum?

– O Fórum, Robert. E ligue ao James. Diga-lhe que vá ter connosco à fonte.

– Sim, senhor.

Eddie viu as horas no seu *Rolex* de ouro.

– Excelente. Devemos chegar mesmo a tempo. Quero que a Pamela capte o efeito por inteiro.

Pamela quis perguntar-lhe o que era o «efeito por inteiro»; quando viraram a esquina, Eddie apontou e disse:

– Parece ilusoriamente simples quando nos aproximamos deste ângulo, mas eu reservei uma *suite* para si no Palace até ao próximo fim de semana, para lhe dar tempo de absorver o ambiente. É natural que a Pamela queira explorar ao seu ritmo a entrada principal, bem como o casino e o centro comercial.

Pamela olhou para ele e pestanejou, admirada. Queria que ela ficasse uma semana inteira só a fazer pesquisa sobre um centro comercial? Ela tinha várias outras encomendas a meio. Conseguiria a assistente tratar de tudo sozinha? Antes de poder levantar objeções, ele fez um gesto de descaso.

– Compreendo que o seu tempo seja precioso. – Eddie levou a mão a um bolso bem fundo e sacou de um maço de notas grandes, contou várias e passou-lhas. – Quinhentos dólares por dia será uma quantia adequada para a compensar pelo tempo extra que este desafio de decoração requer?

Pamela quis exclamar: «Podes crer!», mas não; fez um sorriso calmo e profissional e guardou o dinheiro no fundo da carteira. Quando tivesse um minuto só para si, iria ligar à assistente. Vernelle iria ter um ataque cardíaco quando soubesse que aquele trabalho ultrapassava tudo o que elas tinham imaginado. E Pamela e a sua assistente tinham, juntas, imaginações excelentes.

– Obrigada, Eddie. Cobre com certeza a despesa de estar longe do meu estúdio durante uma semana.

A limusina parou quase impercetivelmente. Robert abriu a porta e ajudou-a a sair. Pamela estudou a fachada do enorme edifício, enquanto Eddie se espremia para fora do carro. A arquitetura do Fórum era simples. Parecia um enorme bloco de mármore branco com colunas ocultas. *Não é mau*, pensou ela, *até tem gosto*. Se fosse uma amostra do interior do centro comercial, ela poderia contar com linhas simples e alongadas e uma elegância discreta. Desafio? Apeteceu-lhe rir alto. Como diria Vernelle, aquele trabalho seria mais simples do que vender estolas de plumas a *gays*.

– O Fórum é por aqui. – Eddie abriu caminho por umas portas brancas duplas, com agilidade surpreendente para um homem tão

corpulento. – Esta entrada encanta-me – explicou ele ao descerem um corredor branco que mais parecia saído de um grande armazém de móveis. – Causa sempre grande impressão. Eu gosto de pensar que estou a sair de um mundo e a entrar noutro. – O riso dele era fundo e contagiante. – Mas talvez seja porque o meu trabalho é criar mundos. Diga-me a Pamela. – Os olhos dele brilhavam quando abriu a porta corta-fogo e fez um gesto magnânimo para ela avançar. – Eis o Fórum!

Santa Mãe de Deus, foi a primeira coisa que passou pela cabeça de Pamela. A segunda foi que tinha de fechar a boca. Depois foi apanhada pelo vórtice de imagem e som. As pessoas enchiam ruas criadas à semelhança da Roma antiga. Ênfase na *semelhança*. Era de um mau gosto em toda a linha. Ela e Eddie tinham irrompido por entre lojas com logótipos Versace e Escada em talha dourada a imitar Roma. Só que, em vez de evocar a elegância do velho mundo, fez lembrar a Pamela uma caricatura em banda desenhada. Era como se alguém tivesse desenhado cenas históricas e arquitetónicas com lápis de cera.

– Espetacular, não é? – Eddie estava esfuziante.

– O... o teto tem nuvens pintadas por todo o lado. – Pamela não conseguiu dizer mais nada.

Encantado, ele assentia.

– É mesmo esse o efeito que quero para o teto de minha casa. Já reparou na iluminação? – Eddie apontou para cima. As fachadas a fingir nas lojas eram altas mas não chegavam ao teto abobadado. Era óbvio que em cima dos telhados falsos estavam focos grandes a iluminar as nuvens pintadas. – Como vê, neste momento parece ser meio-dia, como eu quero na minha casa. Quero que seja sempre dia para eu poder escrever com sol perpétuo.

– Oh, meu Deus... – As palavras fugiram dos lábios de Pamela antes que ela pudesse pensar em tornar a fechar a boca.

A gargalhada de Eddie ressoou entre eles.

– A Pamela não fazia ideia de que fosse assim.

– Não fazia – anuiu ela, meio dormente.

– Venha daí! O melhor ainda está para vir. – Ele tornou a olhar para o relógio. – Temos de nos despachar. Só faltam cinco minutos para começar o espetáculo.

O espetáculo? Pamela tentou fechar a boca e foi atrás dele.

– Sim! É o que eu quero que a Pamela faça para centro da minha casa. A fonte espetacular.

– O Eddie quer uma fonte dentro de casa? – Pamela modulava a voz para mostrar um otimismo cauteloso. Adorava jogos de água e acreditava que eram uma parte importante para criar energias *chi* positivas em qualquer lar. Já tinha a cabeça a mil... Iria contratar um artista excelente e criar... Olhou para cima e tentou não fazer caretas... Uma versão de *bom gosto* do céu azul e do cenário infantil de algodão-doce por cima das cabeças deles. Depois compensaria essa bizzarria com uma fonte fabulosa. Talvez importada diretamente de Itália. Eddie iria gostar; afinal, o Fórum era a imitar Roma, seria natural querer uma fonte de...

Viraram à esquerda e Pamela estacou, horrorizada.

Diante deles espriava-se uma monstruosidade que cuspiam água borbulhante e deuses e deusas nuas. Pamela dava por si a abanar a cabeça como se não lhe pertencesse. Era atroz. Enormes cavalos de mármore irrompiam do lago iluminando no meio da espuma da água. Zeus ou Posídon ou qualquer outro deus nu em cima de uma plataforma com um tridente pontiagudo na mão e a olhar severamente para a água revolta mais abaixo. De um dos lados da fonte, fregueses sentados nas mesinhas de um restaurante italiano obviamente concorrido. Pamela não sabia como era possível conversarem com a barulheira dos jorros de água.

– Não, não, não, não é esta fonte – Eddie tocou-lhe nas costas e orientou-a para passarem adiante daquele mono molhado. – Não tenho necessidade de uma imitação de Trevi. Quero algo verdadeiramente único.

Aliviada, Pamela fez-lhe um sorrisinho débil.

– E também não gosto daquilo – declarou ele ao passarem pela loja da Disney, a qual tinha um cavalo *Pégaso* em tamanho natural no telhado.